

## Os professores pioneiros de Jataí – GO: a memória expressa nas fotografias

The pioneer teachers of Jataí – GO: the memory expressed in the photographs

Maria Zeneide Carneiro de Almeida Magalhães<sup>1</sup>  
Marliane Dias Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Segundo Le Goff (2003) “não é possível falar de Memória sem retomar a História”. Assim, pode-se afirmar o caso da cidade de Jataí – Goiás, iniciou-se a partir da chegada de fazendeiros e posseiros, os quais sentiram a necessidade, pela falta de escolas, educar os seus filhos no final do século XIX e início do XX. Desta forma, os pioneiros professores chegaram ao pequeno vilarejo por meio de convites daqueles que ansiavam levar o conhecimento aos seus descendentes. Por esta razão, para construção deste artigo, recorreremos as memórias impressas nos registros históricos, bibliográficos e nas fotografias. Como base teórica foram utilizados os estudos de Le Goff (2003), Nora (1993), Bosi (1994), Halbwachas (2006), Mauad (2004), Schapochinik (1998).

**Palavras-chave:** Memória. Fotografia. Professores. Jataí.

**Abstract:** According to Le Goff (2003) “it is not possible to talk about Memory without returning to History”. Thus, it can be said that the case of the city of Jataí - Goiás, started with the arrival of farmers and squatters, who felt the need, due to the lack of schools, to educate their children at the end of the 19th century and beginning of the XX. In this way, the pioneer teachers arrived in the small village through invitations from those who wanted to bring knowledge to their descendants. For this reason, for the construction of this article, we resorted to memories printed in documents historicals, bibliographic and photographs. As a theoretical

<sup>1</sup>Professora Adjunta/PUC-GOÍÁS-PPGE/EFPH- Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Sociedade; Doutora em História Cultural/UNB. Mestre em Educação/UNICAMP-FE. Pedagoga/UCG (PUCGO). Líder do Diretório CNPq/PROPE/ Grupo de Pesquisa: Educação, História, Memória, Culturas em Diferentes Espaços Sociais-HISTEEDBR. Ex-professora da Faculdade de Educação /UFG. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5736362178244406> ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2220-9932> E-mail: zeneide.cma@gmail.com

<sup>2</sup>Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, seus estudos concentram-se em História e Memória, alinhados a Educação, Sociedade e Cultura. Membro do grupo de Pesquisa: Educação, História, Memória, Culturas em Diferentes Espaços Sociais-HISTEEDBR. Professora EBTT do IFG/Campus Jataí. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8862436191792598> ORCID: 0000-0003-1725-8772 E-mail: mdisigoias@gmail.com

Recebido em 30/03/2022

Aprovado em 26/05/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



basis were used the studies of the Le Goff (2003), Nora (1993), Bosi (1994), Halbwachas (2006), Mauad (2004), Schapochinik (1998).

**Keywords:** History. Memory. Photography. Jataí.

Ao abordamos a temática sobre memórias de professores, estaremos voltando ao passado e adentrando na esfera dos sonhos dos docentes pioneiros de Jataí, os quais em sua maioria vislumbravam com o desenvolvimento educacional e intelectual daqueles que iniciaram a cidade.

O conhecimento das primeiras letras, dos cálculos matemáticos, idiomas e de outras áreas como ciências, geografia, história era ansiado e reconhecia-se a necessidade dos filhos dos fazendeiros estudarem e acompanharem o desenvolvimento dos grandes centros urbanos, porém Jataí no século esbarrava-se em um grande obstáculo no final do século XIX: a falta de escolas, com isto para garantir a educação menores, os latifundiários convidavam professores de outros estados para trabalhar e ensinar em suas propriedades rurais suas crianças, em formato de aula particular.

Assim, o registro deste tempo, está nas fotografias oriundas do século XIX e XX, que comprovam as Memórias e História da formação da cidade jataiense.

A cidade de Jataí localiza-se no sudoeste do estado de Goiás, possui 126 anos de emancipação, porém sua história iniciou em 1.836, com a vinda de Francisco Joaquim Villela e as famílias oriundos de Minas Gerais para formarem uma fazenda de criação de gado às margens dos rios Claro e Ariranha.

A partir daí, em 1864, nasce a Freguesia do Divino Espírito Santo de Jataí, a qual contava com um número significativo de pessoas, embora poucas, e na Freguesia existiam apenas duas escolas: uma na zona rural outra na urbana, este cenário foi sendo alterado conforme o crescimento da cidade.

A cidade de Jataí, assim, como outras do sudoeste goiano, se desenvolveu a partir da agropecuária, e o processo educacional, embora de forma tímida acompanhou este progresso.

No caso, deste artigo, optamos por retomar ao passado de forma breve a constituição da cidade jataiense, no estado de Goiás, bem como, rememorar alguns professores os quais contribuíram com a educação da cidade. Assim, traremos na primeira sessão, a abordagem das bases teóricas sobre História e Memória, as quais possibilitaram o desenvolvimento deste artigo; na segunda sessão, apresentaremos a constituição histórica da cidade de Jataí; na terceira

sessão retornaremos ao passado por meio da História e Memória dos professores pioneiros de Jataí, para depois tecermos as considerações finais.

## 1. MEMÓRIA, HISTÓRIA E FOTOGRAFIA: REGISTRO VERÍDICO DO PASSADO

Ao nosso ver, não é possível falar de Memória sem retomar a História. O senso comum entende memória como o ato de lembrar acontecimentos, fatos, situações, locais os quais retomam ao passado.

Neste sentido, o processo de formação da Memória no cérebro inicia-se a partir das informações captadas pela visão e a percepção do sujeito são levadas ao cérebro, o qual cumpre a tarefa de armazenar as imagens, e quando estimulado por meio do retorno ao passado, o cérebro passa fornecer as representações, “enfim, a ação e representação estariam ligadas ao esquema geral corpo-ambiente: positivamente, a ação; negativamente, a representação”( BOSI 1979, p. 07).

As lembranças podem ser imediatas ou tardias, ou seja, após um evento pode-se lembrar muito mais coisas do que mais tarde Thompson (1988) chama de “memória fotográfica”, as lembranças de tempo curto e esta fase é extremamente breve, possibilitando um processo de seleção para a organização da Memória no cérebro, para Thompson (1988):

[...]o processo de seleção organiza a memória e estabelece alguma espécie de marca duradora mediante um processo químico. Infelizmente, o conhecimento bioquímico do cérebro, apesar dos rápidos progressos ocorridos ultimamente, não consegue ainda responder às perguntas de um cientista social gostaria de fazer sobre o processo da memória. Contudo, dá-se uma alteração na microestrutura do cérebro, a qual, certamente, é capaz de resistir a supressões completas de atividade mental, como anestesia. Depois, quando o material é recuperado, tem lugar alguma espécie de processo: uma outra situação é reconhecida e o cérebro retoma o material e, em certa medida, o reconstrói ( sic. Thompson 1988, p.150)

A partir da compreensão do funcionamento da Memória no cérebro, pode-se afirmar que quando um indivíduo vê uma fotografia, o seu cérebro, automaticamente, buscará as lembranças relacionadas ao momento que foi realizada a foto. Afinal, as fotografias são registros cuja função centra-se em auxiliar o cérebro em retomar ao passado, Halbwachs (1965) entende que a memória da pessoa está ligada à memória do grupo, pois o indivíduo que lembra está inserido em um contexto social e a lembrança passa a ser resultado de um processo coletivo.

Segundo Le Goff:

“[...] a história deve fazer-se com documentos escritos que há [...] e [...] com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar seu mel quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campos e com mais ervas; com eclipses de lua e com arreios. [...] em suma com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime e torna significante sua presença, atividades, gostos e maneiras de ser” (LE GOFF, 1994 p. 107).

A Memória é classificada em individual e coletiva. Individual, porque o sujeito que lembra viveu, participou do fato ocorrido no passado e coletiva, porque a memória de um sujeito é reflexo do grupo social em que está e/ou esteve inserido, e estas podem ser registradas por meio de fotografias. Partindo do pressuposto de Le Goff (1994) a História se faz por meio de documentos escritos, acrescentamos a importância das fotografias como registro Histórico e Memória.

A fotografia nasceu no século XIX, em meio ao positivismo, o francês Joseph Nicéphore Niépce, em 1826, tirou a primeira fotografia, porém após este evento e com o passar do tempo, diversas descobertas tecnológicas possibilitaram o desenvolvimento da fotografia como se tem hoje.

A popularidade da fotografia só foi possível no século XX, ela passou a figurar como um discurso da verdade, importante documento comprobatório de um acontecimento, não se resumindo apenas em um registro familiar. Para Le Goff (2003) a fotografia revoluciona a Memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingida, permitindo assim guardar a Memória do tempo e da evolução cronológica. (LE GOFF, 2003, p.460).

Assim, após sua invenção, a fotografia democratizou e tornou-se popular entre as famílias, os registros eram eternizados nos álbuns de família, Bourdieu (1965) afirma:

As imagens do passado dispostas em ordem cronológica, “ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos da sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais uma confiança e seja mais edificante do que um álbum de família: todas as aventuras singulares que a recordação individual encerra na particularidade de um segredo são banidas e o passado comum ou, se se quiser, o mais pequeno denominador comum do passado tem o brilho quase presunçoso de monumento funerário freqüentado assiduamente. (sic. BOURDIEU, 1965, p.53-54).

Por meio da afirmativa de Bourdieu (1965), entende-se que a representatividade da fotografia vai além do pressuposto imagético, por meio da fotografia pode-se retomar ao passado e reviver na Memória o momento de valor e as circunstâncias constituídas antes do registro, conforme Schapochinik (1998):

A eficácia da imagem fotográfica repousa na sua capacidade de mesclar a estranheza do que mostra com a intimidade de nossa memória. Enquanto produção antecipada de memória, ela guarda uma proximidade com o acervo de nossas recordações pessoais. O conteúdo “verista” ou a realidade figurada na fotografia, muitas vezes, tem um papel secundário, ganhando relevo os efeitos suscitados naquele que os contempla (SCHAPOCHNIK, 1998, p. 459).

Neste sentido Mauad (2004) advoga a fotografia ser uma fonte histórica, e o historiador ao fazer seus estudos deve compreender que ela é um testemunho válido, porque “as fotografias guardam, na sua superfície sensível, a marca indefectível do passado que a produziu e consumiu”. (MAUAD, 2004, p. 26).

Por meio da fotografia estão impregnadas as Memórias do momento histórico, pois conforme Nora (1993, p. 14) “tudo que é chamado de hoje de Memória, não é portanto, Memória, mas já História”.

Assim, a partir do tempo pertencente à História, as Memórias emergem de um lugar. Neste sentido, a expressão Lugares de Memória são lugares materiais onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; lugares funcionais porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e lugares simbólicos onde essa memória coletiva – vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, lugares carregados de uma vontade de memória.

Para Le Goff (2003, p.473) os lugares da História são memoriais:

“(...) lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua história”. (2003, p.473)

Neste artigo, traremos as fotos dos professores pioneiros de Jataí com intuito de resgatar a Memória e compreender como era desenvolvido o trabalho educacional destes, porém antes, na próxima sessão, traremos uma breve abordagem sobre o desenvolvimento histórico de Jataí.

## 2. JATAÍ: A CIDADE ABELHA

A cidade de Jataí está localizada no sudoeste goiano, possui como limites geográficos os municípios de: Caiapônia, Itarumã, Aparecida do Rio Doce, Caçu, Perolândia, Rio Verde, Mineiros e Serranópolis.

Porém, antes de tratarmos dos nomes ilustres que serviram a educação do município, mesmo em condições precárias e ao mesmo tempo, contribuíram com a formação da cidade jataiense, no final do século XVIII e início do XIX, estaremos apresentando uma breve abordagem histórica.

O senhor José Manoel Villela, foi o primeiro a chegar nas terras jatienses, formou uma fazenda de gado e doou uma área de terras à Igreja Católica, a qual fundou a Capela do Espírito Santo do Paraíso. Após a chegada de Villela, outros posseiros também fundaram suas propriedades rurais no local, com isto, a pequena região começou a ganhar formato de vilarejo, o que lhe conferiu o título de Vila do Espírito Santo do Jathay.

Para Mello (2002, p. 10) “Jataí nasceu da necessidade de assegurar a descoberta de uma região de matas frondosas povoadas de ipê roxo e amarelo, jatobá, peroba-rosa, sucupira, aroeira etc.”

Segundo Junior (2018, p. 15) até 1890, a região onde seria a futura cidade jataiense constituía apenas um grande sertão no cayapó, “uma área imensa no centro do país encravada entre Minas Gerais e Mato Grosso”, que aos poucos foi sendo povoada por posseiros.

Mello (2001) afirma que a escritura da cessão da terra foi feita na cidade de Espírito Santo dos Coqueiros, terra natal do senhor Villela, entretanto, o registro desta escritura foi feito oito anos depois, no cartório de Rio Verde, hoje, cidade vizinha localizada a 80km de distância.

Em 1.885, o pequeno povoado contava com: Casa de Câmara e Cadeia, cemitério, igreja, escola e pontes (Junior 2018, p.16).

A pequena Freguesia foi elevada a Vila e pouco tempo depois, conforme Junior (2001) em 1895, houve a elevação da Vila para cidade por meio da Lei Estadual nº 56, com a grande extensão territorial preservada.

Devido suas peculiaridades Jataí recebeu um apelido carinhoso da população “cidade Abelha”, devido a presença destes animais na região, de acordo com estudos da Embrapa estas abelhas são conhecidas como “melíponas”, povoam diversos biomas do território brasileiro com mais de 300 espécies e se alimentam do pólen que tiram das flores e formam seus ninhos em buracos ocos de troncos das árvores.

Além disso, o termo Jathay vem do tupi e significa “abelha”, segundo Mello (2001, p. 14) “quando os nossos primeiros exploradores chegaram por aqui, encontraram matas apinhadas de jatobás – e outras madeiras de lei – em regiões que formam a grande bacia fértil do Rio Claro”, toda esta vegetação característica do cerrado e com clima tropical.

## 3. A HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS PROFESSORES PIONEIROS DE JATAÍ

Em um de seus pensamentos, Cora Coralina defendia: “Feliz aquele que transfere o que sabe e que ensina”, a figura do professor e sua importância para a sociedade, se mistura e ao mesmo tempo contribui com desenvolvimento intelectual, cultural e social de um sujeito, mas também, acredita-se com o crescimento de lugar.

A existência de professores na cidade de Jataí, centra-se na Memória daqueles que ainda vivem, como é o caso do senhor Binômio da Costa Lima, conhecido pela população jataiense, como “Seu Meco”. Filho de Pedro da Costa Lima e Olinda Pereira de Vasconcelos, passou sua infância na zona rural, onde recebeu o ensino das primeiras letras.

Ele nasceu, em 1930, na fazenda Alto do Bonfim, no município de Jataí. Embora não tenha sido professor, suas vívidas lembranças do tempo da infância, permite-nos adentrarmos na realidade de um tempo. Segundo Benjamin (1975, p. 66) “a experiência propicia ao narrador a matéria narrada, quer esta experiência seja própria ou relatada”. Seu Meco, embora tenha estudado pouco em escolas, sua história torna-se peculiar, porque foi considerado autodidata, o que lhe conferiu o Título Honoris Causas em Biologia pela Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí, por causa do seu grande conhecimento na área.

Entretanto, durante uma entrevista realizada para a professora/pesquisadora Pinto (2018), seu Meco relatou como ocorria sua educação, seu pai contratou um professor para ensinar, segundo Pinto (2018):

Mas, então, a nossa vida era assim: meu pai já, preocupado com a relação à escola que não existia...então o jeito de ir para a escola era arrumar um professor particular. Os professores, não eram muito diferentes dos de hoje, porque eles eram meio doidos mesmo. Meu pai era uma pessoa que gostava de ler e estudar.[...]Mas, então, ele arrumou um professor para dar aulas...ele trazia os sobrinhos dele[...]Então, o professor lá da fazenda, que tinha meninos de diferentes idades, às vezes fazia uma coerção com os menores. É o tal caso: tem menino de 5 anos e outro de 20...então aqueles de 5 anos ou se não os de 20 não eram tratados normalmente como devia ser. Ele tinha que dedicar a cada um em particular, porque se não aquele não agüentava ficar mais que uns quatro meses, seis meses no máximo, principalmente quando a gente é pequeno. E eu acho que o professor estava exigindo muito de mim. Eu não sabia nada – estou lá no começo e ele não tinha muito tempo para se dedicar somente a mim. (Pinto 2018, p. 84-85)

Foi o relato da Memória do seu Meco, transcrito na obra “Meco: um emblema do processo educativo” da professora Suely Lima de Assis Pinto, que nos instigou a recorrer aos registros históricos, procurando identificar quais foram os primeiros professores de Jataí, partindo do povoado denominado Vila de Jathay até a elevação a cidade de Jataí. Desta forma,

foi possível encontrar informações, fotografias dos mestres pioneiros, do final do século XIX – início do XX e suas contribuições à educação jataiense.

E assim, pode-se afirmar, sobre os primeiros registros tem-se acerca da presença de professores na cidade de Jataí, retoma a preocupação dos pioneiros, José Manoel Vilela e Manoel de Bastos, com o desenvolvimento da Villa de Jathay, no final do século XIX. Foi desta forma, que decidiram buscar um professor fora: o senhor José Antônio de Jesus.

Nascido em Diamantina - Minas Gerais, recebeu o convite dos pioneiros, aceitando e mudando para a Villa, em 1889, com sua esposa, a também professora Ana Isolina Furtado e suas duas filhas - Leodegária de Jesus, vale ressaltar que encontramos apenas o registro de um nome de suas filhas.(Mello 2001)

Figura 01 – Professor José Antônio de Jesus



Fonte: Jathay: Páginas Esquecidas (Página 207)  
Disponível em: Biblioteca Pública “Dante Mosconi”  
Jataí - Goiás

Não há registros, também, sobre a data do seu nascimento, somente de sua morte, porém o que tem-se de registro refere-se a sua condição de filho único de família humilde, ficou órfão muito cedo e passou a ser criado por familiares, que o internaram numa congregação salesiana, onde recebeu sua educação voltada a formação religiosa católica. “Pouco mais adiante, foi levado para Ouro Preto voltou a Diamantina e de lá foi para o Rio de Janeiro, sempre acompanhado de religiosos que lhe administravam os passos”. (Mello 2001, p. 207) Estes mudaram para a cidade de Goiás, onde José Antônio de Jesus ingressou no Seminário Santa Cruz.

O Sr. Jesus foi quem fundou o primeiro estabelecimento de ensino urbano: A Casa da Escola, “não havia móveis adequados e o material escolar era deficiente ou quase inexistente. Alunos, havia muitos”.( Mello 2001, p.208)

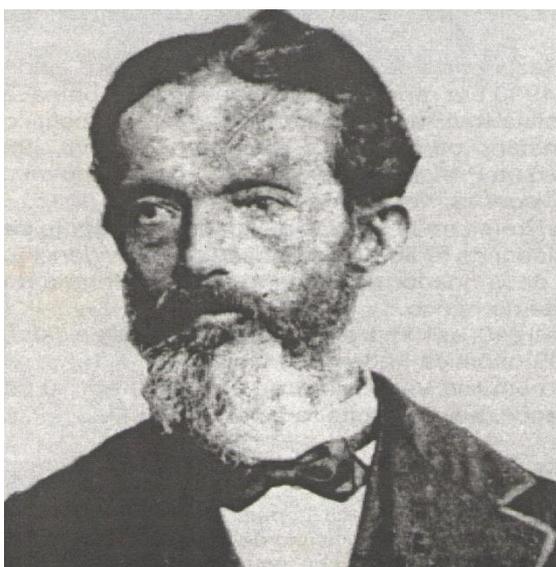
O professor Jesus contribuiu, também, com o funcionamento do serviço de correios da Vila, além disso, como possuía uma cultura elevada e boa oratória, ingressou na política, logo em sua primeira candidatura foi eleito com 700 votos no Estado, em 1894.

Ele foi um dos responsáveis pela elevação da Vila a condição de Cidade, conseguindo que seu projeto fosse aprovado pela Câmara, no dia 31 de maio de 1895.

Após, o mandato de Deputado Estadual, o professor Jesus teve sérios problemas de saúde na coluna e uma severa perda de visão por causa do glaucoma; e também, financeiros contribuindo para sua mudança a Uberlândia, onde faleceu no dia 12 de dezembro de 1920, cercado pela família. (Mello 2001)

Segundo Mello (2001) existiu um professor, que lecionava nas fazendas para os filhos dos fazendeiros pioneiros, no final do século XIX, início do XX, em Jataí. Este era o senhor Martinho Marra Vida, não encontramos muito sobre sua biografia, data e local de nascimento ou morte, porém o que há de registros sobre sua vida particular, foi que ele tinha dois irmãos, os quais também eram professores da zona rural: Alexandre Marra Vida e Manoel Batista Marra Vida. Além disso, o professor Martinho nunca casou durante sua vida, mas era proprietário de propriedades rurais e casas na Vila Jathay, sendo então, o melhor de condição financeira comparado aos irmãos.

Figura 02 – Professor Martinho Marra Vida (1889)



Fonte: Jathay: Páginas Esquecidas (Página 266)  
Disponível em: Biblioteca Pública “Dante Mosconi”

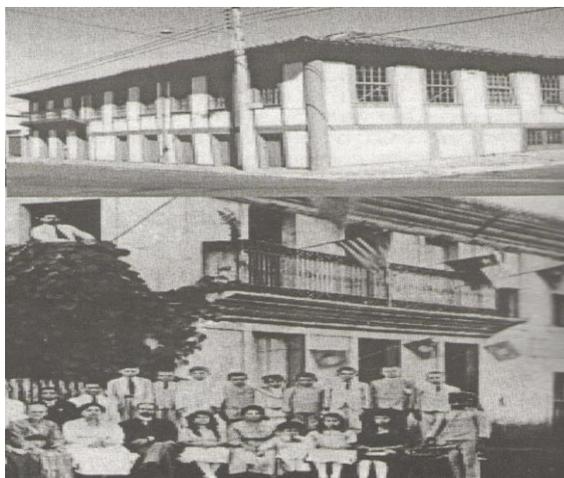
Conforme Mello (2001), em 1891, o professor Martinho doou uma casa para sua escrava Maria Cândida, que o acompanhava havia mais de dez anos.

Por causa de seu conhecimento, sempre era convidado para participar de eventos sociais e políticos da época, o nome do professor estava sempre presente nos documentos oficiais e registros de atas, como testemunha.

No dia 07 de agosto de 1889, foi nomeado via Diário Oficial, para ser Agente dos Correios e no mesmo ano, solicitou a Inspeção Geral de Higiene para abrir uma farmácia na cidade como farmacêutico prático. Porém, como ele não tinha diploma na área, foi multado, contudo no ano seguinte, a Inspeção concedeu licença ao senhor Martinho Marra.

Um dos primeiros professores e fundador de um colégio na cidade de Jataí, foi o professor Eleuthério de Souza Novaes, natural de Mariana – Minas Gerais, graduado em Ciências Econômicas e Comerciais, segundo Mello(2001) era visionário e criador de escolas. Em 1915, fundou na cidade de Goiás, o Colégio Novaes. Em 1918, trouxe a escola para Jataí, com intuito, de atender o convite do intendente Honorato de Carvalho.

Figura 03 – Professor Eleuthério (de terno escuro e sentado)



Fonte: Jathay: Páginas Esquecidas (Página 106)  
Disponível em: Biblioteca Pública “Dante Mosconi”  
Jataí - Goiás

Conforme Mello (2001), o professor Novaes foi responsável em trazer o professor Nestório de Paula Ribeiro, natural de Paracatú – Minas Gerais, filho de Frankilina de Paula Ribeiro (solteira) e seu pai não o reconheceu, porém sua origem eram nobres, sua família era famosa na política, na diplomacia e na literatura nacional.

Conforme Mello (2001), o professor Nestório:

Formou na Escola Normal de Paracatu. Era fazendeiro, poeta, escritor, jornalista, professor, promotor público em Jataí. Fundou um colégio de 1º e 2º graus que levou o seu nome, também em Jataí. Escreveu para “O lavoura e Comércio” de Araguari, para “O Paracatuense” do qual foi editor, “A Gazeta de Paracatu” e “Rosa do Lar”. Principais obras: Livro de Sonetos.”Cristais de Neve”, vários artigos jornalísticos, poemas. Nestório de Paula Ribeiro foi Patrono da Academia de Letras do Noroeste de Minas. (Mello 2001, p. 2074)

Em 1922, mudou-se para Jataí, onde lecionou no Colégio Novaes, alguns anos depois, fundou sua própria instituição educacional: Colégio Paula Ribeiro, no prédio da Casa da Escola, onde morava. A Casa da Escola foi o primeiro estabelecimento de ensino de Jataí, existente antes da chegada de Ribeiro.

Conforme Mello (2001) o ensino primário jataiense por volta de 1875, só foi possível graças a atuação do Padre Pedro de Brito Vasconcellos. “Os poucos alunos que freqüentavam a única escola contavam com instrumentos adequados, graças à intervenção do religioso”. (sic. Mello 2001, p. 26)

A única escola que o padre se referia era nomeada de Casa da Escola, destinada apenas para a educação das primeiras letras do sexo masculino, foi construída por José Carvalho de Bastos e José Manoel Vilella, posteriormente doado ao Estado, era localizada na rua Miranda de Carvalho com José Manoel Vilela.

Figura 04 - A Casa da Escola



Fonte: Jathay: Páginas Esquecidas (Página 121)  
Disponível em: Biblioteca Pública “Dante Mosconi”  
Jataí – Goiás

O professor Nestório em 1924, também contribuiu com o desenvolvimento da área jurídica de Jataí, foi nomeado pelo Juiz de Direito Dr. José Bernardino, para Promotor da Comarca da cidade sendo empossado no Supremo Tribunal de Justiça do Estado. Além disso, exerceu o cargo de Procurador do Município.

De acordo com Mello (2001):

Em 1925, o Colégio Paula Ribeiro abrigou uma Escola de Instrução Militar com a atribuição de preparar reservistas de segunda classe para o Exército Nacional. Para ajudar nas despesas de seu estabelecimento, conseguiu, junto à Intendência uma ajuda mensal no valor 150.000,00 réis. No governo de José Pereira Rezende, em março de 1925, exerceu, interinamente, por pouco tempo, a Secretaria da Intendência e ainda a da Câmara de Vereadores. ( Mello 2001, p. 272)

Figura 05– Professor Nestório de Paula Ribeiro ( 1924)



Fonte: Jathay: Páginas Esquecidas (Página 272)  
Disponível em: Biblioteca Pública “Dante Mosconi”  
Jataí - Goiás

O professor Nestório, então, em 1929, mudou-se para a cidade vizinha de Mineiros, retornando para Jataí apenas em 1931. Encerrou as atividades do Colégio Paula Ribeiro, e migrou para outra atividade: a de jornalista.

Em 1931, o senhor Carvalhinho lançou o jornal “O Liberal” com circulação no sudoeste goiano, e convidou Nestório Ribeiro para ser o redator, o qual aceitou o desafio. No mesmo ano, assumiu também a direção do Grupo Escolar João Pessoa, atual Colégio Estadual “Marcondes de Godoy”.

Em 1932, criou o jornal “O Sudoestino”, contribuindo com a comunicação impressa da cidade.

A importância do professor Nestório de Paula Ribeiro para Jataí expressa-se na existência de um colégio estadual com o seu nome: Colégio da Polícia Militar de Goiás “Nestório Ribeiro”, instituição de ensino de caráter estadual.

Outro professor que influenciou a construção de escolas na cidade jataiense foi o professor Pedro Salazar Moscoso da Veiga Pessoa, natural de Olinda – PE, era advogado, formado em Ciências Sociais, atuou ativamente da redação do jornal O Jathay. Segundo Mello (2001) “a pedido do Intendente Honorato de Carvalho, o Professor Pedro Salazar ajudou a fundar e dirigiu o Instituto Municipal”, em 1912. O Instituto era responsável em ensinar as crianças da cidade as primeiras letras.

Figura 06- Instituto Municipal de Jataí  
Sentado o professor Pedro Salazar



Fonte: Jathay: Páginas Esquecidas (Página 81)  
Disponível em: Biblioteca Pública “Dante Mosconi”  
Jataí – Goiás

Outros professores que marcaram a História educacional de Jataí, foi o senhor Dante Bortolotti Mosconi e sua esposa, também professora, Albina Bortolotti Mosconi. Eles eram naturais de Lombardia - Itália, em 24 de janeiro de 1923, aportaram em Santos e migraram para São Paulo.

Figura 07 – Dante e Albina Bortolotti Mosconi



Fonte: Nos Porões do Passado (Página 206)  
Disponível em: Biblioteca Pública “Dante Mosconi”  
Jataí – Goiás

Conforme Mello (2002):

Em São Paulo, o casal começou o aprendizado da língua portuguesa, mas não conseguiu entrosamento com a colônia italiana local. Decidiu partir e a escolha recaiu no Rio Grande do Sul, seguindo para a cidade de Sarandi, e, no ano de 1924, resolveram se mudar para Passo Fundo, onde Albina lecionou Matemática e Francês no colégio dos Irmãos Maristas, enquanto Dante trabalhava em projetos e Construções, inclusive no Departamento de Engenharia da Prefeitura Municipal. (Mello 2002, p. 207)

Depois de uma temporada no Rio Grande do Sul, o casal mudou para o Distrito do Rio Caçador em Santa Catarina para que Dante pudesse trabalhar na construção da ferrovia São Paulo – Rio Grande do Sul, porque Dante Mosconi era graduado em Engenharia Civil na Itália, e conseguiu exercer a profissão no Brasil. Pouco tempo depois, mudaram-se para o estado de Mato Grosso para depois chegar em Jataí.

Entretanto em Jataí, Dante Mosconi exerceu o cargo de diretor do Ginásio Estadual Nestório Ribeiro, além de exercer sua profissão de engenheiro civil. O casal recebeu em 1957, o título de Cidadão Jataiense da Câmara de Vereadores de Jataí, e foram homenageados devido a contribuição à educação da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição dos professores pioneiros com a construção e desenvolvimento da cidade de Jataí foi bastante significativa, principalmente, no que tange a área da educação.

Oriundos de outros estados, no final do século XIX, chegaram na região jataiense a convite dos fazendeiros para lecionar em suas residências para seus filhos. Até início do século XX, havia apenas duas escolas na cidade: uma na zona urbana e outra rural.

Os filhos dos latifundiários estudavam, graças aos professores itinerantes antes das escolas existirem, estes profissionais recebiam além do apoio financeiro, moradias e prestígio social. Isto porque, eram considerados pela população local como pessoas cultas, educadas e de respeito.

Partindo do preceito que as fotografias são documentos e registros válidos, por meio delas, foi possível retomar ao passado e rememorar os professores pioneiros, pode-se afirmar, de acordo com os registros bibliográficos encontrados, estes eram pessoas muito respeitadas. Nota-se que a docência, em Jataí, até 1930, há registros de apenas homens lecionando.

As fotografias revelam a História e Memória daqueles que mudaram de outros estados, outro país para contribuírem com o desenvolvimento do sudoeste goiano, em especial, Jataí.

Os professores José Antônio de Jesus, Martinho Marra Vida, Elheutério de Souza Novaes, Nestório de Paula Ribeiro, Pedro Salazar Moscoso da Veiga, Dante e Albina Bortolotti Mosconi foram personalidades jataienses, que marcaram a educação jataiense. Foram suas contribuições, defesa pela educação, crença no crescimento intelectual do outro, mesmo em tempos de precariedade da cidade, possibilitou as gerações daquela época a construção de escolas, colégios para população de Jataí. Acredita-se que as novas gerações precisam conhecê-los, pois é voltando ao passado que entende-se o presente.

## REFERÊNCIAS

Bosi, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.

BOURDIEU, Pierre. **Un Art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie**. Paris: Minuit, 1965.

FRANÇA, Basileu Toledo. **Pioneiros**. Goiânia: UFG ed., 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JUNIOR, Rafael Alves Pinto. **Território Hipotético: sudoeste de Goiás (1890 -1940)**. Curitiba: CRV, 2018.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

MAUAD, Ana M. **Fotografia e História: possibilidades de análise**. In: Maria Ciavatta; Nilda Alves. (Org.). *A Leitura de Imagens na Pesquisa Social: História, comunicação e Educação*. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2004, v. 1, p. 19-36.

MELLO, Dorival Carvalho. **Nos porões do Passado** – Documentário Histórico sobre Jataí. Sudográfica, 2002.

\_\_\_\_\_. **Jatahy, páginas esquecidas** – Documentário Histórico sobre Jataí. Sudográfica, 2001.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

PINTO, Suely Lima de Assis. **Meco: um emblema do processo educativo**. Curitiba: CRV, 2018.

SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade**. In: *História da vida privada no Brasil*. v. 3 (República: da Belle Époque à era do rádio). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.